

## **A POLÍTICA DO PSICANALISTA: sobre as relações da psicanálise com a ciência e a religião - Tania Coelho dos Santos**

Que efeitos subjetivos foram desencadeados pela presença da psicanálise na cultura? Como foi possível a emergência da demanda de análise no lugar de outros laços sociais consolidados com o médico ou com o padre? Essas questões me levaram a falar da vizinhança da psicanálise com a ciência e com a fé. Muito cedo, sob a influência da genealogia do poder de Michel Foucault, minha abordagem epistemológica tem a marca da inquietação política. Reformulo essas questões em outros termos: o que é um psicanalisando, de onde vem o psicanalista, o que é que sua ação produz no mundo como efeito?

O Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e contemporâneo surgiu do desdobramento dessa investigação, graças à bolsa de produtividade do CNPq, que Luis Alfredo, Joel, Anna Carolina, Tereza e eu ganhamos, pela primeira vez, em 1994, financiamento esse que continua a viabilizar esse trabalho.

Pensar o laço entre o advento da ciência, a modernidade e o nascimento da psicanálise não é o mais difícil. Meu desafio maior, de fato, foi encontrar ferramentas conceituais para pensar psicanaliticamente o contemporâneo. Muitos pesquisadores não reconhecem o corte entre o moderno e o contemporâneo. Frequentemente, o reduzem, meramente, ao tempo presente, à alta modernidade, ou à hipermodernidade. O eixo proposto por Lyotard para pensar a condição pós-moderna, inscreve-se a partir dos efeitos de maio de 1968. O elenco de fenômenos subjetivos e sócio-culturais, que descrevem essa nova condição é infinita: a ideologia freudo-marxista, os movimentos sociais pela liberação da sexualidade, o feminismo, o declínio das grandes narrativas, o relativismo, a cultura do narcisismo, a absolutização do direito ao gozo entre muitos outros. Uma nova orientação da ideologia individualista impele à reivindicação generalizada do direito de ser tratado como uma exceção, ao consumismo, às compulsividades, ao império dos semblantes e à sujeição à chuva de objetos..

Durante o ano de 2007 me dediquei a comentar, em meu curso de Psicanálise e Lógica, o Seminário XVI – recém estabelecido – “De um Outro ao outro”. Foi com satisfação

que encontrei nele uma definição lacaniana da contemporaneidade: a entrada do saber no mercado. Durante esse seminário, o ensino de Lacan foi evacuado da ENA, onde Althusser o acolhera alguns anos antes. Esse fato se dá em meio aos movimentos estudantis de maio de 1968, quando cresce a ambição política de reduzir todo saber, a um saber sem mestria ou ao império do diploma universitário.

Lacan antecipa que se produzirá na cultura uma proliferação acelerada do saber acéfalo, desvencilhado da castração, do peso da transmissão pelo mestre. O saber se tornará equivalente à pulsão. Surpreendentemente, sua resposta é uma aposta nos poderes da lógica. É um elogio da ciência contra todo historicismo. Sua pesquisa consistirá em reduzir o mais essencial da teoria psicanalítica a um discurso sem palavras. Toda a teoria psicanalítica poderia, então, ser traduzida nos três termos: o saber, o gozo e o *objeto a*. Hiperformalização, portanto, do Nome do Pai, do desejo da mãe e da criança: S1, S2, a

No seminário XVII, essas letras se arranjam segundo uma ordem fixa, cuja permutação de lugares é pré-definida, como um discurso sem palavras. O que garante a ordem própria aos discursos é sua gênese, a dependência lógica do impossível. Dessa âncora num ponto indecível, decorre a formalização de uma equivalência estrita entre discurso, sintoma e laço social. São quatro discursos: o do mestre, o da histórica, o da universidade e o do analista. Acontece que, o discurso do capitalista rompe com a regra que os constitui enquanto tal - anunciando que tudo é possível - e desarranjando a ordem de permutação das letras. Essa é chave para abordar os efeitos subjetivos do poder acéfalo do saber: o desarranjo da ordem de permutação das letras.

O discurso do capitalista provoca uma ruptura nas relações entre o saber, o gozo e o *objeto a*. Volto ao ponto de partida. A difusão da psicanálise na cultura não é sem relações com o estímulo à proliferação desordenada do saber acéfalo. A posição do analista, que consiste em operar com o *objeto a* em posição de agente, concorreu em nossa história recente, para elevar o *objeto a* ao zênite da civilização. Podemos extrair a seguinte questão: seria o sujeito ainda, barrado em seu gozo pulsional, pelo significante do Nome do Pai. Vemos crescer, contemporaneamente, a dependência dos indivíduos do objeto para efetuar uma localização do excesso pulsional, em detrimento da relação aos ideais. Isso prova o fracasso da metáfora paterna?

Tudo pode ser comprado ou vendido. A absolutização da lei do mercado, promete que não haverá num futuro próximo nenhum objeto irreduzível a lei da troca. Onde poderá refugiar-se o objeto do gozo fantasmático? Os sintomas serão cada vez mais descartáveis, ready made, prêt-à-porter e dispensarão a complicada engenharia libidinal do inconsciente. As realidades psíquicas encontrarão a sua mais completa tradução na nova geração de medicamentos? O campo da fala e da linguagem ainda vai render-se á sabedoria pavloviana das terapias cognitivo-comportamentais? Psicanalistas! É preciso refazer nossa aliança com a ciência, Um oceano de falsa ciência ameaça nos afogar numa imensa onda de protocolos pseudo-científicos.

Nós sabemos que o sentido do sintoma não é objetivável, que há um intervalo entre a causa, o traumatismo, e a estrutura do sintoma. O gozo com o sintoma, por sua vez, é um benefício que não se dissolve, se redistribui ou se redireciona de acordo com procedimentos protocoláveis. Essa é apenas mais uma, entre outras consequências nefastas, da aliança entre o discurso do mestre (S1-→ S2) e o saber (S2 -→ a), que resultaram em deformações bastantes sensíveis na dimensão assimétrica de alguns laços sociais depois de maio de 1968. Quais são elas? O esvaziamento da potência oracular do significante mestre, que como Jacques Lacan já antecipava em *Os Complexos Familiares* (1938), nos conduziria à grande neurose caracterial contemporânea. A oposição, banalizada na cultura atual, à autoridade infundada do significante mestre, rejeita a verdade enigmática do inconsciente, preferindo a transparência dos acordos igualitários. A maciça rejeição à feminilidade na política, celebrada na máxima: *nada é de graça*, recusa-se a distinguir os deveres régios do Estado das obrigações contratuais entre indivíduos em posições equivalentes. Nem a diferença geracional, nem a diferença sexual resistem a essa máquina discursiva homogeneizante. O que foi feito da imoralidade do significante mestre?

O declínio da pesada moral civilizada repressiva, causa das doenças nervosas modernas, vem cedendo seu lugar à nova moralidade light anti-repressiva, contratual, persuasiva, que não se orienta pelos ideais e sim pelo objeto de satisfação. A lei do supereu que desregula o gozo é a da proporção entre custo e benefício. O sonho de nossa época é contabilizar o gozo e maximizar sua utilidade. O esforço de medir, regulamentar, distribuir e homogeneizar o campo da satisfação visa garantir o prazer seguro e dissolver

preventivamente todo mal-estar. Uma profunda inversão entre a oferta e a demanda está em curso. Para aproveitar sempre a melhor oferta é preciso adquirir quase tudo aquilo de que não precisamos. Acumular objetos para evitar a escassez, anular a falta, esmagar a demanda e obturar a causa do desejo.

O declínio da moral sexual civilizada não nos deixou inteiramente náufragos, à deriva, ou desbussolados. A civilização contemporânea se orienta pelo *objeto a* (a → \$) na sua dimensão de mais de gozar, de lucro, de mais valia. A difusão da psicanálise contribuiu muito para o emagrecimento da mestria e nos impõe um esforço a mais para refazer com urgência uma nova aliança com os métodos da ciência. Isso é mais do que necessário se não quisermos mergulhar nos fundamentalismos nostálgicos do passado ou submergir às avaliações positivistas.

A prática lacaniana é sem protocolos, mas não é de modo algum sem princípios. Ela é passível de ser avaliada cientificamente, pela fidelidade aos princípios do discurso da psicanálise e não pela observância de quaisquer protocolos pseudocientíficos. É pela fidelidade ao “espírito da pesquisa freudiana” que continuaremos a assegurar nossa aliança com a ciência. Essa orientação prevaleceu na prática de Jacques Lacan desde a inovação do tempo das sessões. Ela prevalece também nos diferentes dispositivos investigativos e clínicos, que inventamos para renovar os poderes da palavra e da interpretação em tratar o inconsciente e o gozo.

Coerentemente com essa orientação, o psicanalista não recua diante dos novos sintomas e das formas inéditas do mal-estar contemporâneo. Ao lado dos sintomas clássicos, multiplicam-se hoje as patologias do excesso, típicas da grande neurose caracterial contemporânea. São as novas identidades ou novos nomes do pai: drogadictos, trabalhadores compulsivos, deprimidos, angustiados, compulsivos sexuais, bulímicos, anoréticos e muitos outros. Essas são algumas das modalidades de precariedade simbólica dos traumatizados pelo “excesso de gozo”, isto é, do *objeto a* em posição de agente. São demandas que desnudam a face mais perversa do Outro contemporâneo. Suas queixas relevam de uma outra face da precariedade simbólica, aquela que confina com o desamparo material e que resulta da profunda desigualdade política, da segregação cultural e social e da exclusão do acesso aos meios de gozo. Somos confrontados nesses atendimentos aos efeitos

da ruptura do contrato de direitos e deveres assimétricos entre os cidadãos e o Estado que alicerçava a ficção do Estado moderno. A mundialização do capitalismo, a lógica tirânica da relação custo/benefício nos legou um Estado enfraquecido, manco, endividado, impotente e corrompido.

Em "A questão de uma Weltanschauungen", Freud delimita o aspecto mais essencial da inserção da psicanálise no campo da ciência. Não reivindica a identidade de método, nem a submissão às mesmas regras de construção do objeto ou às mesmas exigências de verificação de suas hipóteses. A regra fundamental não é um protocolo! Inclusive porque todo analista sabe que convidar alguém a dizer tudo que lhe vem à cabeça é um mandamento impossível! Entre outras razões, porque não impede ninguém de mentir! Freud, argumenta que a cientificidade da psicanálise se resume à descoberta de que a realidade psíquica, a ilusão, o resíduo da fé em Deus pai, é ineliminável pela razão. Expulsos do paraíso, padecemos do pecado original: a curiosidade sexual. Foi o desejo de saber, que moveu Eva a oferecer a Adão o fruto proibido da árvore da **ciência** do bem e do mal. A psicanálise surge nesse intervalo obscuro entre saber e gozo.

Lacan, em "A ciência e a verdade", retoma o desafio de definir a especificidade da psicanálise entre ciência e religião. Ele não define o psicanalista como um cientista entre outros. Ele estabelece uma curiosa equivalência entre os sujeitos do inconsciente e da ciência. O seguinte axioma formula rigorosamente essa articulação: "o sujeito sobre o qual a psicanálise opera não pode ser senão o sujeito da ciência".

A ciência moderna determina um modo de constituição do sujeito. Esse sujeito se constitui da mesma maneira que os objetos matematizados da ciência, é um sujeito sem qualidades. Na obra de Lacan, o sujeito da ciência é tão somente uma dedução do pensamento. É uma consequência do discurso da ciência: "A lógica matemática é essencial à nossa existência no real, saibam vocês ou não: *Je pense, donc je suis*" (1968/69 pag. ) O sujeito é apenas aquilo que um significante representa para outro significante. Essa estrutura é, portanto, o real. O que a motiva é a convergência em direção a uma impossibilidade: não há um sentido último. O referente dessa estrutura é definitivamente perdido. O que especifica as relações entre saber e gozo, em jogo nessa articulação entre significantes, é que o saber não se sabe. O sujeito do significante não tem representação, ele é o

representante da representação. Se o inconsciente é estruturado pela linguagem, o sujeito não está representado nessa estrutura senão como a causa.

Retomo, a segunda afirmação de Lacan em "A ciência e a verdade": "A psicanálise é essencialmente o que reintroduz na consideração científica o Nome do Pai". (1998, p. 889) Essa afirmação faz ressoar sua antecedente freudiana: a realidade psíquica, a fé em Deus Pai, é ineliminável pela razão. A tese freudiana ecoa, ainda, muito mais tarde, no Seminário XXIII, quando Lacan dirá: "A hipótese do inconsciente, Freud o sublinha, não se sustenta sem o Nome do Pai. Supor o Nome do Pai, por certo, é Deus. É nisto aí que a psicanálise, por triunfar, prova que do Nome do Pai, podemos prescindir com a condição de nos servirmos dele." (1975/76, pag. 136)

O advento da ciência moderna é correlativo do declínio do mestre antigo. Podemos depreender, especialmente da obra de Koyré, que à passagem do cosmo fechado ao universo infinito corresponde um esvaziamento dos sentidos consolidados pela tradição religiosa. Louis Dumont, antropólogo francês, privilegiou em sua leitura do nascimento da modernidade: a exclusão de Deus do mundo e a queda do dossel de símbolos sagrados que unificava os domínios econômico, social e político sob a hegemonia da religião. A fundação do Estado moderno se apóia na declaração de que todo homem nasce livre e igual, reduzindo a fé religiosa a um mero assunto de consciência individual. O correlato dessa nova configuração de valores é experiência subjetiva de desbussolamento e a emergência da ideologia individualista.

Se Deus não se faz representar no mundo, está morto, e então, tudo é permitido? Lacan toma a contramão dessa pretensão argumentando: "quando Deus está morto, então nada é permitido." (1969/70 pag. ) A tese de Lacan é que "Deus é inconsciente". (1969/70: pag. ) O advento da ciência tem a consequência de recalcar a fé a em Deus. O pai recalçado, morto, Freud já advertia, torna-se mais poderoso do que vivo. A invenção da psicanálise consiste em reintroduzir na consideração científica do Nome do Pai. Se o sujeito da ciência moderna nada quer saber do Nome-do-Pai é precisamente, porque a invenção da ciência tende a instalar-se como uma nova tradição, promovendo o esquecimento do arbitrário, do acaso, do começo, da novidade da origem. Lacan opõe a ciência no sentido forte, à tradição. A tradição é o esquecimento das origens.

A fundação de sua Escola tem uma afinidade de estrutura como o gesto da ciência. Ela repete a origem, interroga o Nome-do-Pai, isto é o desejo do fundador da psicanálise, Freud. Ela questiona o escopo de sua principal articulação teórica: o Complexo de Édipo. Ela toma esse mito como um sonho freudiano, algo que tem relação com o desejo "não analisado" de Freud. Enquanto que a instituição fundada por Freud se propunha a perpetuar o Nome do seu fundador, transmitindo uma tradição, a transferência com Lacan, no ato de fundação da Escola pretende reviver o gesto inaugural de Freud. Enquanto que a identificação ao líder, ao Nome-do-Pai reduzido ao pai morto - guardião da origem e garantia do laço fraterno - são o eixo e a base de uma organização como a IPA, a Escola de Lacan estrutura-se em torno do ensino de Lacan que, nesta época, não é um ensino concluído mas prossegue.

Acho que o mais essencial sobre o tema do Nome do Pai em Lacan é isso: pai vivo ou morto? Ao longo do seu ensino, o Nome do Pai formaliza o Complexo de Édipo freudiano em três tempos. É surpreendente que em seu último ensino, Lacan acentue o papel ativo do desejo do homem por uma mulher que lhe dê filhos. Observem a seguinte fórmula: "um pai não tem direito ao respeito nem ao amor, se o dito amor, o dito respeito, não for, você não vão crer nas suas orelhas, père-(pai)versamente orientado, quer dizer feito de uma mulher, *objeto a*, que casa seu desejo (...)" (RSI, 21 de janeiro de 1975) No Seminário XXIII afirma: "O pai n'homeia, isto é, humaniza o desejo, confere peso sexual às palavras." (1975/76 pag. )

O complexo edipiano não deve ser encarado como apelo conservador à tradição mas, como o resíduo vivo de um desejo que não seja anônimo, no seio da sociedade liberal, democrática, homogeneizante que sobreveio à revolução francesa. Por essa razão, "o inconsciente é, acima de tudo, a política do psicanalista". Afirma, em Radiophonía, que o grande R do real lacaniano é também o grande R da revolução francesa. (1970/2003, pag. 422)

JAM, em "O sobrinho de Lacan", advoga a tese de a modernidade conspira contra a poesia, contra a personalidade excepcional do escritor, contra a imoralidade do significante e o infundado do seu poder oracular. A modernidade trabalha para alcançar o equilíbrio, apaga as diferenças, promove a democracia, o nivelamento das desigualdades., a equivalência problema-solução. É uma "era de homens sem qualidades", avaliados

permanentemente por meio de critérios quantitativos, de produtividade. É a lei da segurança contra a aventura. Contra essa mentalidade, o autor nos recorda que os psicanalistas lacanianos apostam nos efeitos criadores da repetição. A psicanálise estabeleceu-se sob o fundamento de uma enunciação carismática, a de Freud. Ela resulta de uma conspiração. O que se cristaliza em torno dela é uma barreira ao funcionamento social. Sobre isso, Lacan disse: "Não é a psicanálise que é um sintoma, é o psicanalista". (1975/76: pag. 135) Acrescenta que "uma mulher é uma ajuda contra o homem"<sup>1</sup>. "O psicanalista é uma ajuda sobre a qual podemos dizer que se trata de uma reversão dos termos do Gênesis, pois o Outro do Outro é o que eu acabo de definir, agora mesmo, como esse pequeno buraco aí. Que esse pequeno buraco, sozinho, possa fornecer uma ajuda, é nisso que a hipótese do inconsciente pode dar seu suporte." (1975/76: pag. 136)

A hipótese do inconsciente é, como todo mundo sabe, o discurso histérico. Foi a histérica quem revelou que o mestre é barrado. O desejo do analista não é um desejo histérico. O discurso da ciência é cada vez menos o discurso da histérica, graças à universalização do acesso a universidade. As revoltas estudantis durante o mês de maio de 1968, marcam uma inflexão do discurso da ciência no sentido do discurso universitário. O saber (S2) em lugar de agente, faz surgir o novo mestre: o mestre light. Seu lema: É proibido proibir! Entramos no reino da opção, do poder persuasivo, do império da lógica diet. São 30% de gordura, 30 % de açúcar, 30 % de autoridade, 30 % de mestria igualmente: não mais. Não é que se deva saber tudo, mas devemos tratar tudo pelo saber! O exercício do poder infundado da autoridade tornou-se politicamente incorreto. Hoje os indivíduos se autorizam dos movimentos sociais. Tornaram-se representantes de interesses de grupo. É o império da consciência de classe!

A nova ética do consumidor nos impõe o direito de tudo dizer, de tudo usufruir, sobretudo não ser privado de nada. O Seminário XVI, estabelecido no ano passado, traz uma releitura do mal-estar na civilização. O imperativo de renúncia ao gozo não é o que parece. Lacan redefine a relação do sujeito ao gozo, precisando que a entrada da força de trabalho no mercado, consequência do capitalismo, é correlativa do surgimento de um sujeito que

---

<sup>1</sup> De acordo com a tradução da bíblia de André Chouraqui: Deus criou a mulher como uma ajuda contra o homem.

joga, arrisca o valor da própria vida, na expectativa de ganhar uma infinidade de vidas, infinitamente felizes. O essencial da civilização moderna não é o gozo dos prazeres da vida aos quais se renuncia e, sim, aquilo que se acredita poder recuperar sob a forma do lucro, do gozo a mais.

Em resposta aos acontecimentos de maio de 1968 quando se pretendeu combater todas as formas de autoridade, Lacan parte em defesa do estruturalismo. Os representantes da autoridade podem ser destituídos mas, a autoridade da estrutura, do significante oracular, da primazia da origem, não podem sofrer o mesmo destino. Contra aqueles que combatem o estruturalismo, e alegam que a imprevisibilidade dos acontecimentos históricos não pode submeter-se a nenhuma determinação inabalável, Lacan contesta que não se trata de ideologia, nem de visão de mundo, mas do real. Que real? O da castração. O surgimento da lógica matemática – cuja consistência depende toda ela de um ponto indecidível, um ponto sobre o qual não podemos dizer se é verdadeiro ou falso, vem mostrar que a ciência moderna inscreve-se sob o axioma: “não há relação sexual”. Todo saber dito científico resulta de uma criação ex-nihilo, logo, o fundamento da razão é sempre infundado, é um artifício, um ato.

Ele recomenda consultar o Gênesis, pois encontraremos nas escrituras o fundamento da castração: “Deus os criou, homem e mulher.”

É preciso partir do fato de que não há relação entre homem e mulher que a castração:

- a) não determine a título de fantasma a realidade do parceiro em quem ela é impossível
- b) sem que ela, a castração, seja uma espécie de retiro que a coloca como a verdade do parceiro a quem ela é poupada. Em um a impossibilidade da efetuação da castração é determinante de sua realidade, no outro, a pior ameaça possível da castração, é que ela não precisa ocorrer para ser verdadeira.

Ele dirá, muito tempo depois, que: “uma mulher é para um homem, um *sinthoma*”. (1975/76: pag. 101) “No nível do *sinthoma* não há, portanto, equivalência sexual, quer dizer que há relação. Com efeito se a não relação advém da equivalência, é na medida em que não há equivalência que estruture a relação. Haverá ao mesmo tempo, relação

e não relação sexual. Alí onde há relação, é na medida em que *sinthoma*, quer dizer, que o outro sexo se sustenta no *sinthoma*.” (1975/76; pag. 101) Por essa razão, “um homem é para uma mulher, tudo que lhes convier, pior que um sintoma (...) Uma devastação mesmo.” (pag. 101)

O estruturalismo é compatível com a psicanálise porque leva a sério a divisão do sujeito, pois supõe um saber desconhecido do sujeito, inconsciente, como causa do pensamento. Toma Marx (1968/69: pag.17) como exemplo do estruturalismo *avant la lettre*. Para perceber esse fato basta que nos perguntemos: qual é o objeto do capital? Marx parte da função do mercado. Sua novidade é o lugar onde ele situa o trabalho. Que o trabalho seja comprado, que haja um mercado do trabalho, eis o que permite ao discurso de Marx demonstrar, e que ele chama de *mais valia*. Eis porque um discurso é idêntico às condições de sua produção.

A renúncia ao gozo – que define a relação de trabalho – também não é nova. Lacan vai mostrar a outra face da renúncia ao gozo, *o gozo a mais* que ele formaliza por meio da função do *objeto a*. A função deste *mais de gozar*, que entra em jogo na relação do sujeito ao significante, é a essência do discurso analítico. Eis porque o freudmarxismo apregoava a liberação sexual como antídoto à exploração do homem pelo homem. Eis também porque, um marxismolacanianismo prega, à contrapêlo, que do ponto de vista do gozo o sujeito é sempre feliz.

É fácil entender porque, o Seminário XVI gira em torno de uma leitura do desafio de Pascal (pags. 107-120). Lacan procura formalizar que não há renúncia ao gozo que não se pague com um acréscimo, um *mais de gozar*. Sua leitura sutil da alma do homem moderno desvenda um cálculo das posições subjetivas em jogo na aposta maior da modernidade: Deus existe ou não? Em torno dessa aposta gira o consentimento à renúncia ao gozo da vida que se tem, para arriscá-lo, e talvez ganhar uma infinidade de vidas, infinitamente felizes. O fundamento da renúncia ao gozo é nada menos que a disposição que um sujeito demonstra em investir no campo das identificações em busca de uma infinidade de formas de felicidade. O sofrimento neurótico não pode ser separado de sua demanda insaciável de felicidade.

Em nosso campo não há nenhuma harmonia, nenhuma correspondência do sujeito consigo próprio. Os novos imperativos anunciam formas novas de mal estar, pois

alimentam a expectativa de uma felicidade, contra a evidência de que “não há relação entre os sexos”. Na cultura do narcisismo, a recusa do inconsciente impõe ao sujeito a tarefa impossível de “ser si mesmo”. Essa ambição cresce, depois deste momento, juntamente com a redução do saber ao diploma universitário.

Para concluir retorno ao ponto de partida: penso que Lacan propõe uma definição rigorosa da diferença entre a modernidade e a contemporaneidade. Com a Revolução francesa nasce o Real da psicanálise, que é o sujeito da ciência, sujeito sem qualidades. Com os movimento de maio de 1968, o saber se torna uma mercadoria que se compra e que se vende. O saber entrou no mercado e, desde então, circula desvencilhado do peso da autoridade daquele que o transmite. Podemos falar de uma separação entre a circulação do saber, e o poder do mestre vivo. Uma nova configuração das relações entre saber e poder, portanto, se anuncia. O saber desencarnado se propaga graças a uma nova aliança com o poder. Trata-se do poder anônimo, acéfalo da pulsão. Todo um oceano de falsa ciência prospera, sobretudo, na universidade.

Sob essa nova configuração das relações entre saber e poder, nós nos arriscamos ao introduzir a psicanálise na universidade federal do rio de janeiro, como o primeiro programa de pós-graduação em teoria psicanalítica, a sucumbir ao império dos semblantes, esvaziado do real da clínica psicanalítica. Assumimos o risco de ensinar, mas não transmitir. Assumimos o risco de alimentar o gozo acéfalo do saber desvencilhado da castração.

É fundamental que possamos agora desenvolver dispositivos nos programas de pós-graduação em psicanálise, para assegurar que a pesquisa tenha como eixo a experiência clínica e, sobretudo, não se dissocie da formação do psicanalista. Se o mais essencial da teoria psicanalítica é que ela é um discurso sem palavras, não se pode transmití-la como uma filosofia, um sistema de pensamento, uma Weltanschauung.